

QUALIDADE E INTENSIDADE DO AFETO COMO DETERMINANTES DA MEMÓRIA COTIDIANA*

César Ades
Andrea Botelho
Cristiane Seixas Duarte
Marcelo Munhoz Teixeira
Maria Eugênia Arruk
Patrícia Cardoso de Melo
Patrícia Gazire
*Departamento de Psicologia Experimental
Universidade de São Paulo*

RESUMO - Investigou-se, através de uma variante do método do diário, o efeito da qualidade do afeto (agradável/desagradável) e de sua intensidade sobre a rememoração de eventos do dia-a-dia. Os participantes registravam 15 eventos de sua vida recente e, depois de um período curto (sete dias) ou longo (15 dias), eram submetidos a um teste de evocação. Além disso, tinham de julgar cada evento numa série de dimensões, incluindo a dimensão agradável/desagradável e dizer o quanto achavam que dele se lembravam. Tanto no intervalo curto como no longo, a avaliação da lembrança e das repetições espontâneas (*rehearsal*) assim como o acerto no teste de evocação dependiam da intensidade do afeto, mas não se deixavam influenciar em absoluto pelo caráter agradável ou desagradável do evento lembrado. A crença dos participantes de que eventos de maior impacto emocional ou de maior relevância pessoal são mais memoráveis traz uma confirmação suplementar para a hipótese de que o sentimento intenso, seja ele positivo ou negativo, é um fator básico na modulação da memória autobiográfica.

QUALITY AND INTENSITY OF AFFECT AS DETERMINANTS OF THE MEMORY OF EVERYDAY EVENTS

ABSTRACT - The effect of quality (pleasantness/unpleasantness) and intensity of affect on the recall of everyday events was investigated using

* A pesquisa, cujos resultados parciais foram apresentados por ocasião da 41 - Reunião Anual da SBPC em Fortaleza (1989) foi executada durante a vigência de uma bolsa de pesquisador (CNPq) e de um auxílio da FINEP para César Ades. Queremos agradecer a Ivone M. Albuquerque, Marcos Garcia, Karina Wolfenbüttel e Christian Ingo Lenz que participaram com muito ânimo do planejamento, da coleta de dados e da discussão do estudo.

Endereço: Av. Mello Moraes, 1721, 05508 - São Paulo, SP.

a version of the diary method. Subjects recorded 15 unique events recently experienced and were tested after a short (7 days) or long (15 days) period for recall. They were also asked to rate each event on several dimensions, including pleasantness/unpleasantness and to estimate how well it was remembered. Results show that, in both delay conditions, memory ratings, rehearsal ratings, and recall performance increased with the intensity of affect, but did not depend on the pleasant or unpleasant character of experiences. The subject's belief that events which elicit strong emotional reactions or which are personally relevant are better remembered gives supplementary support to the conclusion that intense feeling, whether positive or negative, is a basic modulating influence on autobiographical memory.

A questão da relação entre afetividade e memória tem sempre interessado ao psicólogo. Já no final do século passado, Colgrove (1899), usando questionários acerca de eventos do cotidiano, tentava avaliar o impacto da emoção sobre a capacidade de lembrar. Verificou a impressionante persistência de lembranças carregadas de impacto, como, por exemplo, a da notícia do assassinato do Presidente Lincoln, evocada por um dos participantes, com riqueza de pormenores e vividez, 33 anos depois do acontecimento.

A idéia de que afeto e memória não são aspectos estanques do funcionamento psicológico entrou novamente em voga, mercê, principalmente, das pesquisas de Bower e colaboradores (Bower, 1987). Mostraram estas pesquisas que o estado afetivo atua como um fator seletivo, facilitando a recuperação de lembranças de mesma tonalidade emocional: uma pessoa deprimida tenderá a pensar em eventos tristes, uma pessoa alegre evocará aspectos alegres de sua experiência. Mostraram também que o estado afetivo se constitui em contexto necessário para o ressurgimento de determinadas representações do passado, dentro de um paradigma de *memória-dependente-do-estado*: uma pessoa estaria mais apta a recompor uma experiência passada quando sob contexto afetivo semelhante ao da aquisição da lembrança (Bower, Monteiro e Gilligan, 1978).

Outros estudos têm procurado entender a relação entre o valor hedônico de eventos do dia-a-dia e sua permanência na memória. Em que medida são eventos agradáveis melhor (ou pior) lembrados do que eventos desagradáveis? A hipótese que mais se acerca da intuição dá privilégio aos eventos agradáveis (hipótese da qualidade afetiva). Tenderiam estes a ser evocados espontaneamente, por serem gratificantes, e a evocação os fortaleceria enquanto traços. As lembranças desagradáveis, ao contrário, suscitariam esquivas. O conceito freudiano de repressão também carrega a conotação de um "esquecimento" que responde ao desejo da pessoa de proteger-se de emoções ameaçadoras. Freud, contudo, como bem mostrou Rappaport (1942), não propunha que todo e qualquer evento desagradável fosse sujeito à ação obliterante da repressão.

Pesquisas mais antigas, como a de Jersild (1931) e a de Sharp (1938) pareciam dar um aval empírico à hipótese de melhor lembrança de eventos positivos. Jersild

pedia a estudantes que arrolassem, logo depois das férias, eventos agradáveis e desagradáveis vivenciados recentemente e testava sua memória, em ambas as categorias, vinte e um dias depois. Os estudantes relembavam 47% dos eventos agradáveis e somente 32% dos desagradáveis, um resultado que Jersild interpretou não como produto de repressão ativa mas como consequência da atividade remediadora que normalmente reduz o valor negativo dos eventos desagradáveis e, assim, diminui o acesso mnêmico aos aspectos de sua vivência inicial. Mais recentemente, Bower e Gilligan (1979) verificaram serem melhor lembrados os eventos agradáveis e Thompson (1985) mostrou haver maior acerto na rememoração de sua data de ocorrência. Lishman (1974) encontrou latências menores para a evocação de eventos agradáveis do que de eventos desagradáveis, em resposta às palavras/dica de uma lista fornecida pelo experimentador.

Outras pesquisas indicam, paradoxalmente, que o "desagradável" pode ser um marcador mnêmico: adultos e crianças mencionam em maior quantidade eventos desagradáveis (do que agradáveis) de seu passado (Kreitler e Kreitler, 1968; Hanawalt e Gebhardt, 1965).

De acordo com uma hipótese alternativa, não seria a qualidade do afeto, mas sim sua intensidade, o fator determinante na codificação e na retenção da informação (hipótese da intensidade afetiva). Não importaria a coloração afetiva, se positiva, se negativa, mas o grau de positividade ou de negatividade ou, ainda, a relevância do evento para o indivíduo.

Estudos mais antigos (Menziés, 1935; Turner e Barlow, 1951; Waters e Leeper, 1936) e mais recentes (Robinson, 1980; Thompson, 1985) trouxeram resultados favoráveis à hipótese da intensidade afetiva. Robinson (1980) pedia a estudantes que pensassem em eventos de sua vida cuja tonalidade afetiva correspondesse a uma lista de emoções fornecida de antemão: quanto mais intensa a caracterização do evento, mais pronto (mais acessível) o relato da lembrança. A posição do evento no contínuo agradável/desagradável não tinha valor preditivo algum. Thompson (1985) usou o método do diário, mais propício para a captação da memória tal como se manifesta no cotidiano. Os participantes registravam todos os dias, durante um período de três meses, um evento não-corriqueiro, julgando-o do ponto de vista da qualidade hedônica. Num teste subsequente, verificou-se que a avaliação efetuada pelos próprios participantes de seu nível de lembrança variava com a intensidade do afeto, não com a sua qualidade.

Cabe considerar ainda a possibilidade de interação entre qualidade e intensidade do afeto. Segundo Holmes (1970), a passagem do tempo afetaria diferentemente as lembranças de eventos agradáveis e desagradáveis. Afetos negativos teriam um decréscimo de intensidade aparente mais acentuado do que os positivos. Assim, quanto mais tarde fosse testada a lembrança, maior o predomínio do relato de eventos agradáveis. Esta hipótese, que complica um pouco mais o quadro teórico, lembra a idéia do escritor francês Stendhal segundo a qual a imagem de um ser amado melhora com o tempo de separação, como se houvesse *crystalização* dos aspectos positivos em detrimento dos negativos.

O presente experimento visou fornecer dados relevantes a respeito da controvérsia qualidade vs. intensidade afetiva, uma controvérsia que, como foi visto, permaneceu viva ao longo da história da pesquisa sobre memória. Usou-se, como no experimento de Thompson (1985), o método do diário para chegar mais perto do funcionamento da memória em sua circunstância natural, cotidiana; e efetuou-se o teste de rememoração em dois momentos diferentes como maneira de avaliar uma possível deriva da lembrança em direção a uma avaliação positiva (Holmes, 1970). Foram obtidos índices *objetivos* de memória dos eventos cotidianos (teste de evocação) e *subjetivos* (avaliação da lembrança pelos próprios participantes), além de colher a opinião destes sobre como funciona a memória: interessava saber se os eventuais resultados do estudo estariam, de certa forma, contidos no conhecimento metapsicológico das pessoas.

MÉTODO

Participantes

Vinte e quatro pessoas, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 45 anos, divididas ao acaso em dois grupos - Grupo 7 (n = 13) e Grupo 15 (n = 11) - testados, respectivamente, 7 e 15 dias depois do final da fase de registro de eventos autobiográficos.

Procedimento

A cada participante foi entregue um caderno com cinco folhas, uma para cada dia da semana, de segunda a sexta-feira, sendo a tarefa registrar, no final de cada dia, em poucas palavras, três eventos não corriqueiros do mesmo dia. Eventos que o participante julgasse íntimos e não comunicáveis não deveriam constar do registro. O participante anotava, em relação a cada evento, o sentimento dominante experienciado.

Nas instruções, tomava-se cuidado para que ele não percebesse tratar-se de um experimento sobre memória. Sete (Grupo 7) ou quinze (Grupo 15) dias depois do recolhimento dos cadernos, procedia-se a uma entrevista com cada participante, aplicando-se um questionário com os seguintes quesitos:

1. Quais são os eventos de que se lembra?
2. Quanto se lembra deste evento? (Escala de 5 pontos: muito pouco, pouco, razoavelmente, bem, muito bem).
3. Quanto pensou no evento, depois de sua ocorrência? (Escala de 3 pontos: nenhuma vez, poucas vezes, bastante).
4. Que sentimento acompanhou o evento?
5. Qual o valor afetivo do evento? (Escala de 5 pontos: muito agradável, agradável, neutro, desagradável, muito desagradável).

6. Qual a frequência com a qual costuma ocorrer um evento deste? (Escala de 5 pontos: muito raramente, raramente, ocorre algumas vezes, frequentemente, muito frequentemente).
7. Em sua opinião, por que motivo certos eventos da vida diária são melhor lembrados do que outros?

A primeira pergunta deste questionário retrospectivo representava uma maneira de sondar a evocação (*recall*) dos eventos. No caso das perguntas 2-6, cada registro de evento era lido pelo experimentador (pela experimentadora), sendo então feito o rol de perguntas relativas a ele. A pergunta 2 pedia aos participantes uma avaliação da lembrança de cada evento (avaliação que designaremos, por conveniência, pela sigla AL). A pergunta 3 tinha a ver com a frequência de repetição espontânea (*rehearsal*) no intervalo entre o registro e a entrevista. A pergunta 7 (uma pergunta de metamemória; Cohen, 1986) era relativa à maneira como os participantes concebiam o funcionamento de sua própria memória.

O valor hedônico de cada evento era codificado a partir da escala *agradável-desagradável* (pergunta 5). Eventos julgados **muito agradáveis** ou **agradáveis** pelo participante eram codificados como eventos agradáveis; eventos julgados por ele **muito desagradáveis** ou **desagradáveis** eram codificados como eventos desagradáveis.

A intensidade afetiva dos eventos foi avaliada a partir das respostas à mesma escala. Eventos julgados **muito agradáveis** ou **muito desagradáveis** pelo participante eram codificados como tendo intensidade alta; eventos julgados **agradáveis** ou **desagradáveis** eram codificados como tendo intensidade média e eventos julgados **neutros** tendo intensidade baixa (Mason, 1986).

Para fins de análise, eventos avaliados como ocorrendo **raramente** ou **muito raramente** (pergunta 6) foram codificados como eventos raros; os avaliados como ocorrendo **frequentemente** ou **muito frequentemente**, como eventos frequentes.

RESULTADOS

Efeitos do intervalo de retenção

Contrariamente ao esperado, a passagem do tempo não trouxe deterioração significativa do nível de avaliação da lembrança. A AL média foi 4,05 (DP = 0,68) no Grupo 7 e 3,82 (DP = 0,66) no Grupo 15 ($F(1,22) = .082$, $p > 0.05$).

Nem a qualidade, nem a intensidade afetiva dos eventos afetaram as mudanças temporais de AL. Não houve interação entre intervalo de retenção e intensidade ($F(2,30) = 0,362$, $p > 0,05$), nem entre intervalo de retenção e qualidade ($F(2,32) = 0,234$, $p > 0,5$) em termos de AL. Dada a ausência de diferenças, os grupos 7 e 15 foram tomados em *conjunto*, para as análises que seguem.

Seletividade no registro dos eventos autobiográficos

Antes de examinar efeitos da efetividade sobre a lembrança, cabe perguntar-se a respeito do critério seguido pelos participantes para a inclusão de um determinado acontecimento em seu *diário* experimental. Seriam escolhidos eventos agradáveis em

detrimento de eventos desagradáveis? Ou eventos intensos em detrimento dos eventos menos intensos ou neutros? A análise mostra que o fator intensidade, não o fator qualidade, influencia a escolha de eventos.

Eventos de intensidade média foram registrados com frequência significativamente maior do que eventos de pequena ou alta intensidade afetiva ($F(2,30) = 10.23$, $p < 0.001$; Figura 1B). Isto não indica necessariamente que haja uma preferência por introduzir no diário eventos de intensidade média: a proporção maior talvez se deva ao fato de eventos desses serem mais freqüentes na vida de uma pessoa.

Não houve diferença significativa na frequência de eventos agradáveis ou desagradáveis lançados nos diários ($F(1,22) = 4.41$, $p > 0.05$; Figura 1A). Eventos agradáveis ou desagradáveis eram contudo registrados mais amiúde do que eventos neutros ($F(2,44) = 21.01$, $p < 0.001$). Infere-se que as pessoas tendem a registrar eventos afetivamente marcados, em detrimento de eventos afetivamente neutros, mesmo que não cheguem a privilegiar os mais intensos (provavelmente mais raros em sua vida diária).

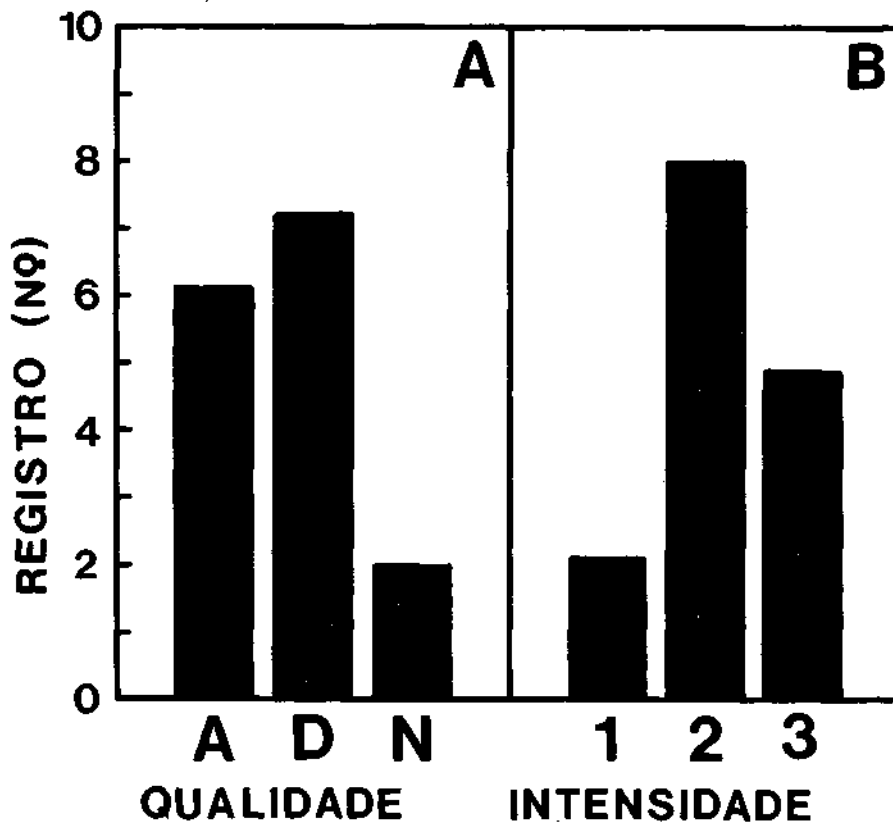


Figura 1 - (A) Frequência média de eventos agradáveis, desagradáveis e neutros (A, D, N); (B) frequência média de eventos de intensidade baixa, média e alta (1,2,3) nos registros dos participantes.

Influência da qualidade e da intensidade afetivas sobre a avaliação da lembrança

Eventos categorizados como agradáveis não alcançaram níveis de AL maiores do que eventos categorizados como desagradáveis ($F(1,16) = 2.6, p > 0.05$; Figura 2A).

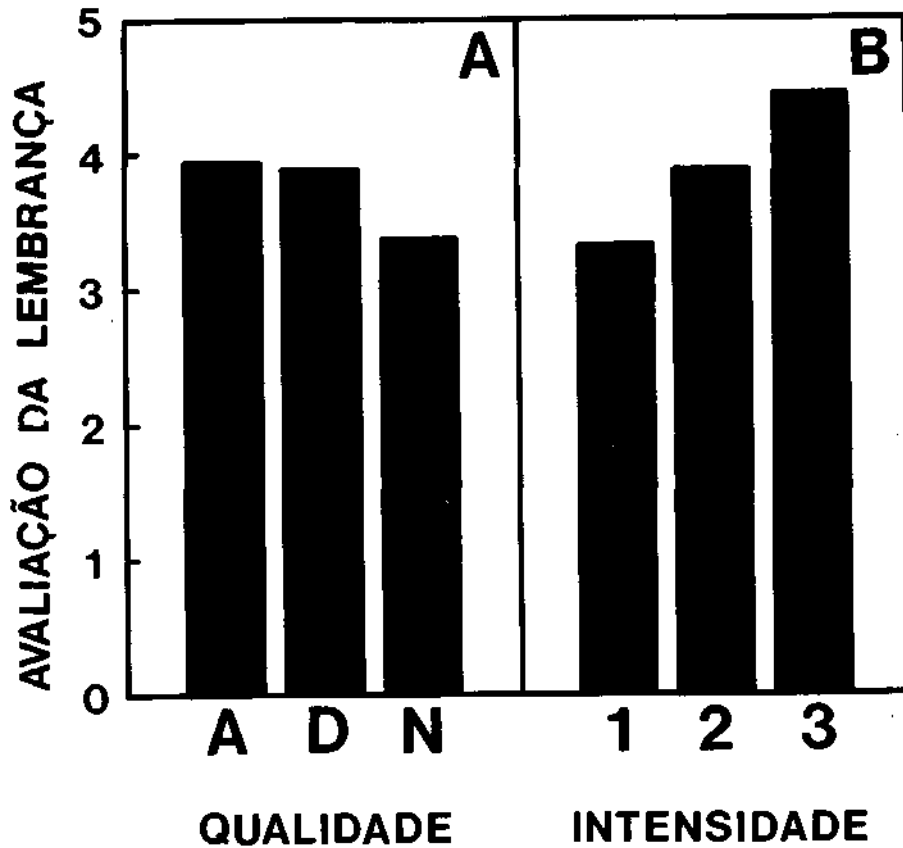


Figura 2 - (A) índice médio de avaliação de lembrança para eventos agradáveis, desagradáveis e neutros (A, D, N); (B) índice médio de avaliação de lembrança para eventos de intensidade baixa, média e alta (1,2,3).

O fator intensidade, ao contrário, teve influência marcante. Quanto maior a intensidade, maior o nível de AL ($F(2,30) = 11.73, p < 0.001$; Figura 2B).

Influência da qualidade e da intensidade afetiva sobre a evocação

Poder-se-ia argüir que escores altos numa escala de AL (pergunta 2) não garantem uma lembrança efetivamente maior dos eventos envolvidos, talvez apenas

uma impressão de que esta lembrança existe. Os dados de evocação (pergunta 1) permitem avaliar o grau de lembrança efetiva, e verificar se os escores de avaliação a ele correspondem. A análise aponta para a existência de uma correspondência: os índices de evocação (número de eventos evocados dividido pelo número total de eventos em cada classe de intensidade) diferiram significativamente em função da intensidade ($F(2,28) = 3,77$; $p < 0,05$) mas não em função da qualidade, um resultado que replica o obtido com os índice de AL.

Influência da qualidade e da intensidade afetivas sobre a repetição espontânea

O mesmo padrão de influência da qualidade e da intensidade foi verificado no caso da repetição espontânea. Em resposta à pergunta 4 ("Quanto pensou no evento, após a sua ocorrência?"), os participantes atribuíram níveis mais altos a eventos mais intensos do que a eventos menos intensos ou neutros ($F(2,16) = 15,130$; $p < 0,001$). Não houve, contudo, diferença no nível de repetição espontânea, em função de os eventos serem agradáveis ou desagradáveis ($F(1,23) = p > 0,05$; Figura 3).

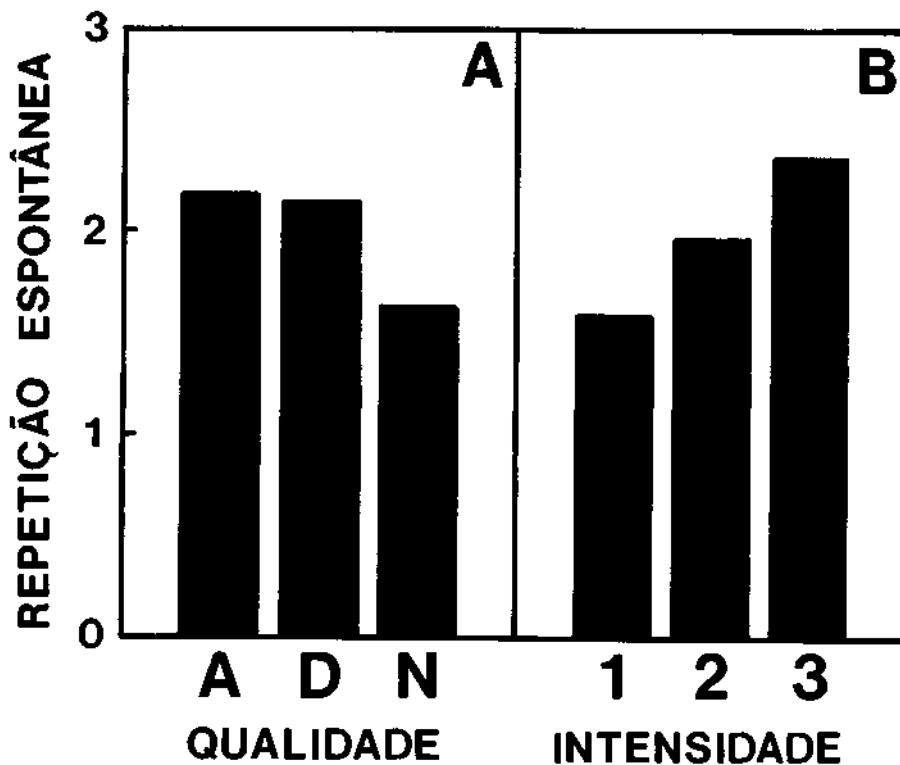


Figura 3 - (A) Frequência média de repetições espontâneas de eventos agradáveis, desagradáveis e neutros (A, D, N); (B) frequência média de repetições espontâneas de eventos de intensidade baixa, média e alta (1,2,3).

E interessante notar a existência de uma associação entre os níveis de evocação espontânea e os níveis de AL. Quanto maior a repetição espontânea, maior o índice de AL. Os escores médios AL foram 3,31, 4,07 e 4,51, respectivamente, para eventos evocados nenhuma vez, poucas vezes, bastante. A diferença é estatisticamente significativa ($F(2,17) = 14.613$; $p < 0.001$).

Frequência do evento e avaliação da lembrança

A expectativa, baseada em resultados muitas vezes obtidos em pesquisas sobre memória humana, era de que eventos classificados como raros seriam lembrados melhor do que eventos classificados como freqüentes. Os resultados não confirmaram esta hipótese. Eventos raros tiveram uma AL média de 4,09 contra 3,67 de AL para os eventos freqüentes, não sendo significativa a diferença ($F(1,21) = 2,58$, $p > 0,05$).

Lembrança do próprio afeto

Os participantes anotavam o sentimento associado a cada evento junto com o registro do mesmo; na entrevista, 7 ou 15 dias depois, também tinham de mencionar este sentimento (pergunta 4). A frequência dos acertos (coincidência entre o registro inicial e a resposta à pergunta 4) foi bastante alta. No Grupo 7, os participantes tiveram uma evocação correta (dentro de um critério bastante exigente para uma resposta correta: a coincidência entre o rótulo dado no dia do evento e por ocasião da entrevista posterior) ocorreu em aproximadamente 70,7% das vezes, em média; no Grupo 15, em aproximadamente 72% das vezes, em média. Respostas coincidentes podem significar que: (a) os participantes se lembram dos afetos enquanto afetos; (b) eles evocam o afeto usando a lembrança do evento como dica; (c) eles inferem o afeto, sabendo pelo teor do evento que tipo de afeto costuma a ele ser associado. É difícil saber, dentro do contexto da presente pesquisa, qual o mecanismo cognitivo efetivamente utilizado.

Metamemória

As respostas à pergunta 7 ("Em sua opinião, porque motivo certos eventos da vida diária são lembrados melhor do que outros?") foram classificadas de acordo com o motivo invocado: (I) *Força do sentimento eliciado*: "coisas que mais alteram", "quando o sentimento é forte, a gente lembra mais", "coisas que tocam mais fundo do que o cotidiano", etc; (II) *Importância pessoal*: "eventos que têm mais significado para você", "pela capacidade que têm os eventos de interferir, mudar a minha vida", "alguns eventos significam mais do que outros em termos de aprendizado e de experiência", etc; (III) *Raridade*: "os acontecimentos mais raros e mais salientes no plano emocional ficam melhor gravados", etc; (IV) *Valor hedônico positivo*: "os prazerosos por serem agradáveis, ao serem relembrados são revividos", etc; (V) *Incompletude*: "os que a gente lembra são aqueles que ainda não foram processados devidamente",

etc. Algumas respostas, por incluírem mais de um motivo, foram classificadas em mais de uma categoria.

Tabela 1 - Porcentagem de cada uma das explicações dadas pelos participantes pela melhor lembrança de determinados eventos.

CATEGORIAS DE EXPLICAÇÕES	PORCENTAGEM
I. Provocam sentimentos fortes	42,3
II. Têm importância pessoal	34,6
III. São raros	7,7
IV. São agradáveis	7,7
V. Representam algo por completar	7,7

Na Tabela 1, onde estão registradas as freqüências de ocorrência das diversas explicações, nota-se que predominam as centradas na intensidade do afeto (categoria I) ou na importância pessoal do evento (categoria II). O valor hedônico positivo (lembra-se porque trata-se de um evento agradável, categoria IV) entra em apenas duas verbalizações. O resultado indica que os participantes percebem a memória como facilitada principalmente pela marcação afetiva e pelo envolvimento pessoal, havendo, assim, convergência entre a explicação metapsicológica e o que parece ser realmente o funcionamento da memória de eventos cotidianos.

DISCUSSÃO

Os resultados apoiam fortemente a hipótese que atribui à intensidade (ao invés de à qualidade) do afeto um papel mnêmico essencial. Houve confirmação dos resultados de trabalhos anteriores na área, principalmente os de Thompson (1985): a eventos julgados, na hora do teste, como afetivamente mais intensos, corresponde um nível mais alto de AL.

Outros aspectos dos resultados confirmam a relevância da dimensão de intensidade emocional. No teste de evocação que sondava a memória efetiva (não a avaliada como no caso do índice de AL) a lembrança foi proporcional à intensidade, não tendo relação com a qualidade afetiva dos eventos. A repetição espontânea (*rehearsal*) foi maior para eventos de alta intensidade do que para eventos de média ou baixa intensidade, mas não variou significativamente com a qualidade. Este último resultado leva a duas interpretações alternativas: (1) eventos afetivamente intensos levam a um nível alto de repetição espontânea que, por sua vez, asseguram maiores níveis de AL; (2) eventos afetivamente intensos levam, por caminhos diversos, a aumentos no nível de AL e de repetição espontânea. Não é possível, a partir dos dados, decidir-se a favor de uma dessas interpretações.

Um último apoio à hipótese da intensidade afetiva provém das opiniões dos participantes acerca de como funciona a memória. Não defenderam a concepção cor-

rente de que o bom é lembrado, o ruim esquecido, mas uma crença de que o que tem relevância pessoal e o que emociona permanece gravado na memória. É sempre preciso cautela ao se considerar opiniões leigas sobre fenômenos psicológicos; elas são parte do que deve ser explicado, não explicações, não escapam necessariamente ao engano. Foi interessante, contudo, na presente pesquisa, a coincidência entre a opinião leiga e os resultados "objetivos": valeria a pena replicar e ampliar este aspecto em futuras investigações.

A hipótese da intensidade afetiva ganha apoio de um setor independente de pesquisa, o que nasceu recentemente em torno das chamadas "*lembranças em lampejo*" (*flashbulb memories*). Brown e Kulik (1977) notaram que eventos públicos de forte impacto, como assassinatos ou tentativas de assassinatos de políticos nos Estados Unidos, geram uma representação mnêmica extremamente clara e pormenorizada, uma espécie de *fotografia* não limitada aos aspectos focais, mas abrangendo uma poeira de informações aparentemente irrelevantes. Quem era perguntado acerca do atentado ao Presidente Kennedy lembrava-se freqüentemente de quem tinha dado a notícia, de onde estava quando veio a notícia, da reação afetiva própria e dos outros, da roupa que usava na ocasião, etc. Seria interessante realizar entrevistas com brasileiros de idade apropriada acerca de suas lembranças do suicídio de Getúlio Vargas. Eventos individuais de forte impacto teriam, é claro, os mesmos efeitos do que os acontecimentos públicos.

Para um acontecimento tornar-se fonte de lembranças claras e duradouras, para acender uma *lembrança em lampejo*, é condição que tenha, de acordo com Brown e Kulik (1977) e outros autores que estudaram o fenômeno, forte impacto emocional, além de ter significado do ponto de vista do futuro da pessoa (*consequentiality*). Pillemer (1984) entrevistou pessoas a respeito da tentativa de assassinato do Presidente Reagan, um e sete meses depois do evento. Quase todas as pessoas disseram ter ficado, na ocasião, surpresas e emocionadas: as que relatavam ter sentido mais emoção também eram as que forneciam relatos mnêmicos mais elaborados e consistentes. Na pesquisa de Rubin e Kozin (1984), *lembranças em lampejo* eram tidas pelos participantes como mais surpreendentes, mais capazes de induzir mudanças emocionais e de gerar repetições espontâneas (*rehearsal*) do que lembranças não classificadas como pertencentes à categoria de *memória em lampejo*.

Críticas têm sido dirigidas ao conceito de *memória em lampejo*, algumas, como a de Neisser (1982), implicando não ser necessário o impacto emocional como *fixador* de memória; outras, a maioria, sugerindo não ser especial, ou basicamente diferente dos outros, este tipo de memória (Christianson, 1989; Rubin e Kozin, 1984). McCloskey, Wible e Cohen (1988) escrevem que *as lembranças em lampejo* deveriam ser consideradas como produtos de *mecanismos comuns* de memória e, portanto, como fenômenos capazes de oferecer dicas acerca da natureza desses mecanismos (p. 171). O fato de as chamadas *lembranças em lampejo* não serem tão especiais assim é que as torna relevantes para a compreensão de fenômenos mais corriqueiros, como os estudados no presente trabalho, lembranças da vida diária dotadas de forte teor positivo ou negativo.

Não dispomos de uma explicação clara nem completa de como a intensidade do afeto gerado por eventos do dia-a-dia influencia a memória. A neurofisiologia nos

fornece, contudo, indicações relevantes, mostrando que a memória conserva um certo grau de labilidade, depois da aquisição de uma informação, sendo modulada então por mudanças neuro-humorais indicativas de ativação (Gold, 1986; Izquierdo, 1988). A cor afetiva de uma experiência de vida, o prazer ou desprazer que lhe são associados, provavelmente tenham alguma influência sobre o processo mnêmico, não necessariamente a de fortalecer ou enfraquecer a lembrança. Talvez cheguem a ter seus efeitos descobertos, quando forem criadas metodologias apropriadas. Por enquanto, o que parece bem claro (e merece ficar na memória) é que o organismo amplia sua capacidade de retenção diante de eventos que o desafiam e o põem ativado, seja para a fuga ou defesa, seja para a busca e a realização.

REFERÊNCIAS

- Bower, G. H. (1987). Commentary on mood and memory. *Behavioural Research and Therapy*, 25, 443-455.
- Bower, G. H., & Gilligan, S. G. (1979). Remembering information related to one's self. *Journal of Research in Personality*, 13, 420-432.
- Bower, G. H. Monteiro, K. P., & Gilligan, S. G. (1978). Emotional mood as a context of learning and recall. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 17, 573-585.
- Brown, R., & Kulik, J. (1977). Flashbulb memories. *Cognition*, 5, 73-99.
- Christianson, S.-V. (1989). Flashbulb memories: Special, but not so special. *Memory and Cognition*, 17, 435-443.
- Cohen, G. (1986). Everyday memory. Em G. Cohen, M. W. Eysenck, & M. E. Le Voi (Orgs.). *Memory: a cognitive approach*. Philadelphia: Open University Press.
- Colgrove, F. W. (1899). Individual memories. *American Journal of Psychology*, 10, 228-255.
- Gold, P. E. (1986). Glucose modulation of memory storage processes. *Behavioral and Neural Biology*, 45, 342-349.
- Hanawalt, N. G., & Gebhardt, L. J. (1965). Childhood memories of single and recurrent incidents. *Journal of Genetic Psychology*, 107, 85-89.
- Holmes, D. S. (1970). Differential change in affective intensity and the forgetting of unpleasant personal experiences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 15, 234-239.
- Izquierdo, I. (1988). *Organização, consolidação, construção e reconstrução da memória*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Jersild, A. (1931). Memory for the pleasant as compared with the unpleasant *Journal of Experimental Psychology*, 65, 190-193.
- Kreitler, H., & Kreitler, S. (1968). Unhappy memories of "the happy past": studies in cognitive dissonance. *British Journal of Psychology*, 59, 157-166.
- Lishman, W. A. (1974). The speed of recall of pleasant and unpleasant experiences. *Psychological Medicine*, 4, 212-218.
- Menzies, R. (1935). The comparative memory values of pleasant, unpleasant and indifferent experiences. *Journal of Experimental Psychology*, 18, 267-279.

- McCloskey, M., Wible, C. G., & Cohen, N. J. (1988). Is there any special flashbulb-memory mechanism? *Journal of Experimental Psychology: General*, 117, 171-181.
- Neisser, U. (1982). Snapshots or benchmarks? Em U. Neisser (Org.). *Memory observed: remembering in natural contexts*. San Francisco: Freeman.
- Pillemer, D. B. (1984). Flashbulb memories of the assassination attempts on President Reagan. *Cognition*, 16, 63-80.
- Rappaport, D. (1942). *Emotions and memory*. Baltimore: Williams & Wilkins.
- Robinson, J. A. (1980). Affect and retrieval of personal memories. *Motivation and Emotion*, 4, 149-174.
- Rubin, D. C., & Kozin, M. (1984). Vivid memories. *Cognition*, 16, 81-95.
- Sharp, A. A. (1938). An experimental test of Freud's doctrine of the relation of hedonic tone to memory revival. *Journal of Experimental Psychology*, 22, 395-418.
- Thompson, C. P. (1985). Memory for unique personal events: effects of pleasantness. *Motivation and Emotion*, 9, 277-289.
- Turner, R. H., & Barlow, J. A. (1951). Memory for pleasant and unpleasant experiences: some methodological considerations. *Journal of Experimental Psychology*, 42, 189-196.
- Waters, R. H., & Leeper, R. (1936). The relation of affective tone to the relation of experiences of daily life. *Journal of Experimental Psychology*, 19, 203-215.

Recebido em 06/06/90.

